

SIMON SEBAG MONTEFIORE

Os Románov

1613-1918

Tradução

Claudio Carina

Denise Bottmann

Donaldson M. Garschagen

Renata Guerra

Rogério W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Simon Sebag Montefiore

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Romanovs

Capa

Kiko Farkas e Ana Lobo / Máquina Estúdio

Fotos de capa

Linha 1: Alexandre Danilovitch Ménchikov (akg-images); Catarina 1 (Bridgeman); Ernst Johann von Biron (akg-images); Elizaveta (Alamy). Linha 2: Anna Leopoldovna (Bridgeman); Nicolau I (Topfoto); Isabel Alexéievna (Getty Images); Nicolau II (Album / Fotoarena). Linha 3: Grigóri Raspútin (Album / Fotoarena); Maria Fiódorovna (Museu Russo); Pedro I, o Grande (Leemage / Contributor / Getty Images); Maria Naríchkina (Alamy). Linha 4: Anna Lopukhiná (Museu Hermitage); Ivan Kutaíssov (Museu Hermitage); Maria Nikoláieva (Library of Congress); Alexandre II (Museu Hermitage).

Preparação

Leny Cordeiro

Índice remissivo

Probo Poletti

Revisão

Ana Maria Barbosa

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sebag Montefiore, Simon
Os Romanov : 1613-1918 / Simon Sebag Montefiore — 1^a ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original : The Romanovs.

Vários tradutores.

ISBN 978-85-359-2823-5

1. História europeia 2. Romanov, Casa de 3. Rússia – Corte –
História 4. Rússia – Reis e governantes – História 1. Título.

16-07392

CDD-947.0460922

Índice para catálogo sistemático:

1. Romanov : História

947.0460922

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

<i>Lista de ilustrações</i>	9
<i>Mapa — A expansão da Rússia, 1613-1917</i>	14
<i>Árvore genealógica — A casa Románov</i>	16
<i>Introdução</i>	19
<i>Fontes e agradecimentos</i>	31
<i>Nota</i>	36
<i>Prólogo — Dois rapazes nos Tempos Turbulentos</i>	38
ATO I: A ASCENSÃO	43
Cena 1: Os desfiles de noivas	47
Cena 2: O jovem monge	85
Cena 3: Os mosqueteiros	109
Cena 4: O Sínodo dos Bêbados	127
ATO II: O APOGEU	155
Cena 1: O imperador	159
Cena 2: As imperatrizes	193
Cena 3: Vênus Russa	233
Cena 4: A era de ouro	273

Cena 5: A conspiração	327
Cena 6: O duelo	363
ATO III: O DECLÍNIO	431
Cena 1: Júpiter	435
Cena 2: Libertador	489
Cena 3: Colosso	573
Cena 4: O senhor das terras russas	609
Cena 5: Catástrofe	697
Cena 6: Imperador Miguel II	743
Cena 7: Vida após a morte	771
Epílogo: Tsares vermelhos / tsares brancos	805
NOTAS	809
BIBLIOGRAFIA	871
ÍNDICE REMISSIVO	887

Introdução

Pesado é o chapéu de Monomakh.

Aleksandr Púchkin, *Boris Godunov*

O maior império deve ser o império de si próprio.

Sêneca, *Epístola 113*

Era difícil ser tsar. A Rússia não é um país fácil de governar. Vinte soberanos da dinastia dos Románov reinaram por 304 anos, de 1613 até a derrubada do regime tsarista pela Revolução de 1917. Sua ascensão começou no reinado de Ivan, o Terrível, e terminou na época de Raspútin. Cronistas românticos da tragédia do último tsar gostam de sugerir que a família era amaldiçoada, mas na verdade a dinastia dos Románov está entre os mais espetaculares e bem-sucedidos construtores de império desde os mongóis. Estima-se que o Império Russo aumentou cerca de 140 quilômetros quadrados por dia depois que os Románov chegaram ao trono, em 1613, ou mais de 520 mil quilômetros quadrados por ano. No final do século XIX, eles governavam um sexto da superfície da Terra — e continuavam em expansão. A construção de impérios estava no sangue dos Románov.

De certa forma, este livro é um estudo do caráter e do efeito do poder absoluto na distorção da personalidade. Em parte é uma história familiar de amor e

casamentos, de filhos e adultérios, mas não é como outras histórias do gênero — famílias reais são sempre extraordinárias, pois o poder ao mesmo tempo adoça e contamina a química familiar tradicional: o fascínio e a corrupção do poder costumam superar a lealdade e a afeição dos laços sanguíneos. Esta é uma história de monarcas, de suas famílias e de seus seguidores, mas é também um retrato do absolutismo na Rússia — e de tudo que se acredita ser excepcional sobre a Rússia, a cultura, a alma, a essência sempre excepcional e a natureza singular que uma família buscou personificar. Os Románov se tornaram não só a própria definição de dinastia e imponência, mas também de despotismo, de uma parábola de loucura e arrogância do poder absoluto. Nenhuma outra dinastia, excluindo-se a dos césares, ocupa tal lugar no imaginário e na cultura populares, e ambas fornecem uma lição universal sobre como funciona o poder pessoal, naqueles tempos e agora. Não é coincidência que o título “tsar” deriva de césar, assim como a palavra russa para imperador é simplesmente a palavra latina “*imperator*”.

Os Románov habitam um mundo de rivalidades familiares, ambições imperiais, fascínio sinistro, excessos sexuais, sadismo e depravação; é um mundo em que desconhecidos obscuros de repente se afirmam monarcas mortos renascidos, noivas são envenenadas, pais torturam filhos até a morte, filhos matam pais, mulheres assassinam maridos, um homem santo, depois de baleado e envenenado, volta, segundo consta, dos mortos, barbeiros e camponeses chegam ao poder supremo, gigantes e aberrações são colecionados, anões são arremessados, cabeças decapitadas são beijadas, línguas são extraídas, a pele é arrancada a chibatadas do corpo, ânus são empalados, crianças são massacradas; há ainda imperatrizes ninfomaníacas obcecadas pela moda, lésbicas envolvidas em *ménages à trois* e um imperador que produziu a mais erótica correspondência jamais escrita por um chefe de Estado. Mas é também um império construído por conquistadores obstinados e estadistas brilhantes que subjugaram a Sibéria e a Ucrânia, tomaram Berlim e Paris e produziram Púchkin, Tolstói, Tchaikóvski e Dostoiévski; uma civilização de alta cultura e sofisticada beleza.

Fora de contexto, tais excessos parecem tão exagerados e fantásticos que historiadores mais ascéticos da academia preferem discretamente amenizar a verdade. Afinal, as lendas dos Románov — temas suculentos para filmes de Hollywood e séries dramáticas de TV — são tão poderosas e populares quanto os fatos. É por isso que o narrador dessa história tem de estar atento ao melodrama, à mitologia e à teleologia — o perigo de escrever a história de frente para trás — e

cauteloso com a metodologia. O ceticismo é essencial; a academia exige uma constante verificação e análise. Porém, um dos benefícios da narrativa histórica é que cada reino surge no contexto para oferecer um retrato da evolução da Rússia, de sua alma e autocracia. E nesses personagens míticos, deformados pela autocracia, surge um espelho distorcido que reflete os tropismos do caráter de todos os humanos.

Se o desafio de governar a Rússia sempre foi assustador, o papel do autocrata só poderia mesmo ser exercido por um gênio — e esses gênios são muito raros na maioria das famílias. O preço do fracasso era a morte. “O governo da Rússia é uma autocracia acompanhada por estrangulamentos”, ironizou a escritora francesa Madame de Staël. Era um trabalho perigoso. Seis dos doze tsares foram assassinados — dois por asfixia, um com uma adaga, um com dinamite, dois à bala. Na catástrofe final de 1918, dezoito Románov foram mortos. Raramente um cálice foi tão pródigo e tão venenoso. Realizo um estudo específico de cada sucessão, sempre o melhor teste da estabilidade de um regime. É irônico que agora, dois séculos depois de os Románov finalmente concordarem com uma lei de sucessão, os presidentes russos continuem designando seus sucessores da mesma forma que fazia Pedro, o Grande. Seja com uma entrega suave ou uma transição desesperada, são esses momentos de extrema tensão, quando necessidades existenciais exigem o emprego de todas as reservas de engenhosidade e a avaliação de todas as intrigas, que revelam os fundamentos do poder.

A essência do tsarismo foi a projeção de majestade e de força. Mas isso teve de ser combinado com o que Otto von Bismarck, rival e aliado dos Románov, chamava de “a arte do possível, do alcançável, da segunda melhor coisa”. Para os Románov, a arte da sobrevivência era baseada no equilíbrio dos clãs, de interesses e personalidades que refletiam ao mesmo tempo uma minúscula corte e um império gigantesco. Os imperadores precisavam manter o apoio do Exército, da nobreza e da administração. Se perdessem os três, o mais provável é que fossem depostos — e, numa autocracia, geralmente isso significava a morte. Além de jogarem o jogo letal da política, os soberanos tinham de transmitir uma autoridade visceral, quase brutal. Um tsar eficiente podia ser duro, desde que fosse duro de forma coerente. Governantes não costumam ser mortos pela brutalidade, mas pela incoerência. E os tsares tinham de inspirar confiança e respeito em seus cortesãos e uma reverência sagrada entre os camponeses, 90% de seus súditos, que os viam como os “paizinhos”. Esperava-se que fossem severos com seus funcionários

rios, porém bondosos com os “filhos” camponeses: “O tsar é bom”, diziam os camponeses, “os nobres são malvados”.

O poder é sempre pessoal: qualquer análise de um líder democrático ocidental de hoje revela que, mesmo em um sistema transparente com curtos períodos no cargo, as personalidades moldam as administrações. Os líderes democráticos costumam governar por meio de servidores de confiança, e não ministros oficiais. Em qualquer corte, o poder é tão fluido quanto a personalidade humana. Flui hidráulicamente até a fonte e a partir dela, mas suas correntes estão sempre mudando; todo o fluxo pode ser redirecionado, até revertido. Numa autocracia, o poder está sempre em fluxo, tão mutável quanto os humores, as relações e circunstâncias — pessoais e políticas — de um homem e seus domínios crescentes e fervilhantes. Todas as cortes funcionam de formas semelhantes. No século XXI, as novas autocracias da Rússia e da China têm muito em comum com a dos tsares, conduzidas por minúsculos grupos nebulosos que amealham enorme riqueza, vinculadas por relações hierárquicas entre cliente e patrono, todas à mercê dos caprichos do governante. Neste livro, meu objetivo é seguir a alquimia invisível e misteriosa do poder para responder à questão essencial da política, laconicamente expressa por um mestre do jogo de poder, Lênin: *Któ kogó?* — Quem controla quem?

Em uma autocracia, os traços de personalidade são ressaltados, tudo que for pessoal é político, e qualquer proximidade com o soberano se transforma em poder, tecido em um fio dourado que se estende desde a coroa até qualquer um que o toque. Havia maneiras seguras de ganhar a confiança íntima de um tsar. A primeira era servir na corte, no Exército ou no governo, sobretudo obtendo vitórias militares; a segunda era garantir a segurança — qualquer governante, não apenas na Rússia, precisa inevitavelmente de um capanga; a terceira era mística — garantir acesso divino para a alma do imperador; e a quarta e mais antiga era amorosa ou sexual, em especial no caso de imperatrizes. Em troca, os tsares podiam recompensar esses servidores com dinheiro, servos e títulos. Tsares que virassem as costas aos acordos estabelecidos na corte ou que decretassem inversões na política externa contra os desejos de seus potentados, especialmente os generais, corriam o risco de ser assassinados — sendo o assassinato uma das poucas formas de a elite protestar em uma autocracia sem oposição formal. (O povo protestava em manifestações urbanas e levantes no campo, mas para os tsares os cortesãos mais próximos eram muito mais mortais que os distantes camponeses — e apenas um deles, Nicolau II, chegou a ser deposto por uma revolta popular.)

Tsares inteligentes entenderam que não havia divisão entre sua vida pública e privada. A vida pessoal, exercida na corte, era inevitavelmente uma extensão da política: “Seu destino”, escreveu o historiador romano Díon Cássio sobre Augusto, “é viver como em um teatro cuja plateia é o mundo inteiro.” Mas mesmo sobre esse palco, as verdadeiras tomadas de decisão eram sempre dissimuladas, misteriosas e moldadas pelos caprichos íntimos do governante (como ainda são no Kremlin de hoje). É impossível entender Pedro, o Grande, sem analisar seus anões nus e papas falsos ostentando brinquedos sexuais tanto quanto suas reformas de governo e sua política externa. Ainda que excêntrico, o sistema funcionava, e os mais talentosos ascendiam a altas posições. Pode ser surpreendente que dois dos ministros mais capazes, Chuválov e Potiomkin, tenham começado como amantes imperiais. Kutaíssov, o barbeiro turco do imperador Paulo, tornou-se tão influente quanto um príncipe nato. Por isso, um historiador dos Románov deve examinar não apenas os decretos oficiais e as estatísticas sobre a produção de ferro, mas também os arranjos amorosos de Catarina, a Grande, e a mística luxúria de Raspútin. Quanto mais poderosos se tornavam os ministros oficiais, mais os autocratas garantiam o próprio poder, passando por cima deles para nomear figuras de seu círculo pessoal. Quando os imperadores eram habilidosos, isso tornava suas ações misteriosas, admiráveis e assustadoras, mas, se incompetentes, comprometia o governo de forma irremediável.

O sucesso da autocracia depende principalmente da qualidade do indivíduo. “O segredo da nobreza”, escreveu Karl Marx, “é a zoologia” — a procriação. No século XVII, os Románov usavam desfiles de noivas — concursos de beleza — para selecionar suas noivas russas, mas no início do século XIX preferiam escolher esposas nos “estábulos da Europa” — entre as princesas alemãs, para ter acesso às maiores famílias da realeza europeia. Mas procriar políticos não é uma ciência. Quantas famílias produzem um líder de destaque? O mesmo se aplica a vinte gerações de monarcas, selecionados basicamente pela loteria da biologia e por truques de intrigas palacianas, a fim de gerar alguém com discernimento para ser um autocrata. Muito poucos políticos, que tenham escolhido uma carreira política, podem corresponder às necessidades e sobreviver às tensões de um alto posto governamental que, em uma monarquia, era preenchido de modo tão aleatório. Ademais, cada tsar tinha ao mesmo tempo de ser ditador e generalíssimo, alto sacerdote e “paizinho”, e para realizar essa façanha eles precisavam ter todas as qualidades relacionadas pelo sociólogo Max Weber: o “dom da graça”, a “virtude

da legalidade” e a “autoridade do eterno ontem”. Em outras palavras, magnetismo, legitimidade e tradição. E, além de tudo isso, precisavam ser sábios e eficientes. Respeito e temor eram essenciais: na política, o ridículo é quase tão perigoso quanto a derrota.

Os Románov produziram dois gênios políticos — os “Grandes”, Pedro e Catarina —, além de diversos talentos e personalidades magnéticas. Depois do brutal assassinato do imperador Paulo em 1801, todos os monarcas foram diligentes e trabalhadores, a maioria foi carismática, inteligente e competente, mas o cargo era tão assustador para um reles mortal que ninguém mais queria o trono: era um fardo que deixara de ser divertido. “Como pode um só homem governar [a Rússia] e corrigir seus abusos?”, perguntou o futuro Alexandre I. “Seria impossível não apenas para um homem de aptidões normais como eu, mas até mesmo para um gênio...” Sua fantasia era fugir para viver numa fazenda perto do Reno. Todos os seus sucessores se apavoravam com a coroa e a evitavam se pudessem; mas, quando herdavam o trono, tinham de lutar para continuar vivos.

Pedro, o Grande, entendeu que a autocracia exigia intensa vigilância e a imposição de ameaças. Esses eram — e ainda são — os perigos de governar esse país colossal e ao mesmo tempo presidir um despotismo pessoal sem limites ou regras claras, e por isso é inútil acusar os governantes russos de paranoíacos: extrema vigilância, apoiada por violência repentina, era e é seu estado natural e essencial. No caso, eles sofrem da irônica queixa do imperador Domiciano (pouco antes de seu assassinato): “Todos os príncipes se sentem muito infelizes quando denunciam uma conspiração, pois ninguém acredita neles até serem assassinados”. Mas só o medo não era suficiente: mesmo depois de matar milhões, Stálin resmungava que ninguém lhe obedecia. A autocracia “não é tão fácil quanto se pensa”, disse a inteligentíssima Catarina: o “poder ilimitado” era uma quimera.

Decisões individuais causaram redirecionamentos na Rússia, mas raramente da forma desejada. Parafraseando o marechal de campo prussiano Helmuth von Moltke, “planos políticos quase não sobrevivem ao primeiro contato com o inimigo”. Acidentes, atritos, sorte e personalidades, tudo ligado pela natureza prática das armas e das lisonjas, são a verdadeira paisagem dos políticos. Como refletiu Potiomkin, o maior ministro dos Románov, um político de qualquer Estado não deve apenas reagir às contingências, deve “melhorar a partir dos acontecimentos”. Ou, como disse Bismarck, “a tarefa do estadista é ouvir os passos de Deus marchando pela história e tentar se agarrar à cauda de seu fraque enquanto Ele

passa”. Por isso os últimos Románov tentaram desesperada e obstinadamente reverter a marcha da história.

Os que acreditavam na autocracia russa estavam convencidos de que só um indivíduo todo-poderoso e abençoado por Deus poderia projetar a majestade fulgurante necessária para conduzir e intimidar esse império multinacional e administrar os intrincados interesses de tão grande Estado. Ao mesmo tempo, o soberano tinha de personificar a sagrada missão do cristianismo ortodoxo e conferir significado ao lugar especial da nação russa na história do mundo. Como nenhum homem ou mulher poderia realizar essas tarefas sozinho, a arte de delegar era uma habilidade essencial. O mais tirânico dos Románov, Pedro, o Grande, era magnífico em encontrar e nomear servidores talentosos de toda a Europa, a despeito de classe ou raça, e não foi por acaso que Catarina, a Grande, promoveu não apenas Potiomkin como também Suvórov, o principal comandante da era dos Románov. Stálin, ele próprio muito hábil na escolha de subordinados, acreditava que esse era o talento superlativo de Catarina. Os tsares buscavam ministros com aptidão para governar, mas do autocrata sempre se esperava que governasse por si mesmo: um Románov não poderia jamais nomear comandantes autoritários como Richelieu ou Bismarck. Imperadores tinham de estar acima da política — assim como os políticos astutos. Se o poder fosse delegado com sabedoria e os conselheiros fossem ouvidos, até mesmo um governante moderadamente talentoso poderia realizar muita coisa, embora a autocracia moderna exigisse a delicada manipulação de conceitos complexos, como a política democrática atual.

O contrato do tsar com o povo era próprio de uma Rússia primitiva, de nobres e camponeses, mas na verdade guarda certa semelhança com o do Krêmlin do século xxi — glória no exterior e segurança em casa, em troca do governo de um homem e sua corte, que praticamente não veem limite para o enriquecimento. O contrato tinha quatro componentes — religioso, imperial, nacional e militar. No século xx, o último tsar ainda via a si mesmo como o senhor patrimonial de um Estado pessoal — abençoado por uma sanção divina. Mas isso já era resultado de uma evolução: durante o século xvii, os patriarcas (prelados da Igreja ortodoxa) podiam contestar a supremacia dos tsares. Quando Pedro, o Grande, dissolveu o patriarcado, a dinastia passou a se apresentar quase como uma teocracia. A autocracia era consagrada no momento da unção, durante as coroações, que apresentavam os tsares como vínculos transcedentes entre Deus e o homem. Só na Rússia o Estado, formado por funcionários medíocres e insignificantes,

tornou-se quase sagrado em si mesmo. Mas isso também se desenvolveu ao longo do tempo. Embora se dê muita importância ao legado dos imperadores bizantinos e dos canados de Gêngis Khan, não havia nada de especial no status dos tsares do século XVI, que baseavam seu carisma na cristologia da realeza medieval da mesma forma que outros monarcas europeus. Mas, à diferença do resto da Europa, a Rússia não desenvolveu assembleias independentes e instituições civis, por isso seu status medieval durou muito mais — até o século XX, numa época em que parecia estranhamente obsoleto, até mesmo em comparação à corte dos Kaisers alemães. Essa missão mística, que justificou o governo dos Românov até 1917, ilustra muito bem as intransigentes convicções do último tsar, Nicolau, e de sua esposa, Alexandra.

A autocracia era legitimada por um império sempre em expansão, multiétnico e multirreligioso, porém os imperadores mais recentes se consideravam não apenas líderes da nação russa, mas de toda a comunidade eslava. Quanto mais adotavam o nacionalismo russo, mais eles excluíam (e em geral perseguiam) suas imensas populações não russas, como poloneses, georgianos, finlandeses e em especial judeus. O leiteiro judeu Tevye ironiza, em *Um violinista no telhado*: “Deus abençoe o tsar e o mantenha... bem longe de nós”. Essa contradição entre império e nação foi fonte de muitas dificuldades. A corte dos Românov era uma mistura de condomínio familiar, ordem de cruzados ortodoxos e quartéis militares — características que, de formas bem distintas, explicam parte do fervor e da agressividade dos regimes sucessores dos Românov, a União Soviética e a atual Federação Russa.

Mesmo na era pré-industrial, a agenda do tsar era congestionada por cerimônias sagradas e revistas militares, sem falar de disputas entre facções e brigas familiares, de modo que restava pouco tempo para uma reflexão mais profunda sobre como resolver problemas complexos. Seria um trabalho difícil de realizar para um político nato que estivesse no poder havia cinco anos, quanto mais para um que se mantivesse pela vida toda — e muitos tsares governaram por mais de 25 anos. Como a maioria dos líderes eleitos nas nossas democracias tende a ficar quase louca antes de dez anos no cargo, não surpreende que tsares que reinaram por muitas décadas acabassem exaustos e dementes. A capacidade do tsar de tomar decisões acertadas era também limitada pela informação que recebia de seu séquito: todos os monarcas se diziam rodeados por mentirosos, mas quanto mais governavam, mais acreditavam no que queriam ouvir. “Cuidado para não ser ce-

sarificado, tingido de púrpura”, alertava Marco Aurélio, mas falar era fácil. As exigências se intensificaram com o passar dos séculos. Era mais difícil ser diretor de um império de trens, telefones e couraçados que de cavalos, canhões e bacamartes. Embora este seja um estudo sobre o poder pessoal, uma ênfase excessiva no pessoal obscurece a maré das forças históricas, o poder das ideias e o impacto do aço, da dinamite e do vapor. Os avanços técnicos intensificaram os desafios de uma autocracia medieval.

Quando lê sobre os rumos caóticos e a caprichosa decadência dos tsares fracos do final do século XVII e das imperatrizes hedonistas do século XVIII, o historiador (e o leitor deste livro) há de perguntar: como a Rússia conseguiu tanto êxito quando parecia ser tão mal governada por esses tipos grotescos? Mas a autocracia se mantinha em funcionamento mesmo com uma criança ou um idiota no trono. “Deus está no céu e o tsar está longe”, diziam os camponeses, que em suas longínquas aldeias pouco se importavam e sabiam menos ainda sobre o que acontecia em Petersburgo — desde que o centro se mantivesse sólido. E o centro se mantinha sólido porque a dinastia dos Románov sempre foi o vértice e a fachada de um sistema político de relações pessoais e familiares, às vezes funcionando com rivalidades, outras em cooperação, que governavam o reino como parceiros menores do trono. O sistema era flexível. Sempre que um tsar se casava, a família da noiva ingressava no cerne do poder. Os tsares promoviam seus protegidos mais habilidosos, os generais vitoriosos e os estrangeiros competentes, em especial dos principados tártaros, alemães do Báltico e jacobitas escoceses, que renovaram esse santuário de ligações e forneceram a base social que ajudou a tornar a Rússia um império pré-moderno tão bem-sucedido.

O coração do império era a aliança entre os Románov e a nobreza, que precisava do apoio real para controlar suas províncias. A base dessa sociedade era a servidão. O ideal da autocracia era na prática um acordo segundo o qual os Románov desfrutavam do poder absoluto e correspondiam com a glória imperial, enquanto a nobreza governava suas províncias sem ser contestada. A Coroa era a maior proprietária de terras, por isso a monarquia nunca se tornou um joguete da nobreza, como aconteceu na Inglaterra e na França. Mas a rede de nobres de clãs relacionados servia no governo, na corte e, acima de tudo, no típico Exército dinástico-aristocrático que pouco contestava os tsares, preferindo tornar-se uma máquina eficiente da expansão imperial e da coesão do Estado, unindo a pequena nobreza e os camponeses sob a poderosa ideologia tsar, Deus e nação. Como os

Románov chegaram ao poder em meio a uma brutal guerra civil, nos Tempos Turbulentos (1603-13), desde o início o regime contou com uma base militar. Guerras constantes contra poloneses, suecos, otomanos, britânicos, franceses e alemães fizeram com que a autocracia se desenvolvesse como um centro de comando, mobilizando sua nobreza e constantemente recrutando tecnologia ocidental. A Coroa e a nobreza ordenhavam os recursos dos servos, que pagavam impostos, forneciam cereais e serviam como soldados, muito mais baratos para ser levados a combate do que em outras partes da Europa. O sucesso dos Románov na unificação do país e o arraigado temor de novos tumultos significavam que, mesmo que tsares individuais fossem liquidados, a monarquia estava segura de forma geral, sempre apoiada por sua nobreza — com raras exceções em 1730, 1825 e 1916-7. Durante a maior parte do tempo, os Románov e seus súditos conseguiram colaborar no empreendimento sagrado, prestigioso e lucrativo de rechaçar agressões estrangeiras e construir um império. Por isso este livro é uma história não apenas dos Románov, mas também de outras famílias, como os Golítsin, os Tolstói e os Orlov.

A junção dessa aliança se dava na corte, entreposto de benesses, clube de glamour e suntuosidade onde imperatrizes de suposta brandura, como Ana e Isabel, se mostraram particularmente peritas em se aproveitar das relações com seus magnatas fanfarrões. Essa parceria prosperou até a Guerra da Crimeia, nos anos 1850, quando o velho regime de alguma forma teve de se converter em um Estado moderno viável. A luta internacional exigiu que o império dos Románov competisse em um implacável torneio geopolítico de poder com a Grã-Bretanha, a Alemanha, o Japão e a América, com uma riqueza e tecnologia que em muito superavam as da Rússia. O potencial da Rússia só poderia ser destravado com uma reforma do regime de propriedade de terra pelos camponeses, com uma industrialização a toda a velocidade baseada em créditos do Ocidente, o aumento da participação política e o desmantelamento da autocracia corrupta e repressiva, coisa que os dois últimos Románov, Alexandre III e Nicolau II, foram ideologicamente incapazes de fazer. Eles estavam diante de um desafio: como manter uma vasta fronteira e projetar um poder proporcional às suas pretensões imperiais a partir de uma sociedade retrógrada? Se fracassassem no exterior, perderiam sua legitimidade em casa. Quanto mais errassem em casa, menos condições teriam de participar do jogo fora de suas fronteiras. Se blefassem e ficassem expostos, teriam de se retirar humilhados ou lutar e se arriscar a uma catástrofe revolucionária.

Era improvável que mesmo Pedro ou Catarina resolvessem as dificuldades da revolução e da guerra mundial enfrentadas por Nicolau II no início do século XX, mas foi um infortúnio que justo aquele Románov que já havia enfrentado crises mais sombrias fosse o menos capaz e o mais tacanho, bem como o mais azarado. Nicolau era um mau juiz de caráter e não gostava de delegar. Embora ele mesmo não conseguisse assumir o papel de autocrata, usou seu poder para se assegurar de que ninguém mais o fizesse.

O próprio sucesso dos velhos procedimentos empregados até os anos 1850 dificultou ainda mais a mudança. Assim como a cultura radical e assassina da União Soviética só pode ser entendida pela ideologia marxista-leninista-stalinista, a trajetória quase sempre bizarra, amalucada e derrotista dos últimos Románov só pode ser compreendida por sua ideologia: autocracia sagrada. Isso acabou distorcendo a monarquia, tornando-se um fim em si mesma, um obstáculo para a administração de um Estado moderno: aqui, o desafio insolúvel era atrair políticos capazes e aumentar a participação no regime sem perder seus pilares obsoletos, a nobreza e a Igreja — que Trótski chamou de mundo de “ícones e baratas”.

Afinal de contas, as épocas dos grandes ditadores dos anos 1920 e 1930, bem como as novas autocracias do início do século XXI, mostram que não há incompatibilidade entre modernidade e autoritarismo — nem mesmo no mundo atual da internet e de notícias 24 horas por dia. Foram as características da monarquia tsarista e da sociedade russa que tornaram aquilo impraticável. As soluções não eram simples como agora parecem numa visão retrospectiva, amplificada pela pretensiosa superioridade do Ocidente. Como aprendeu o reformador Alexandre II, “o quinhão de um rei”, nas palavras de Marco Aurélio, era “fazer o bem e ser amaldiçoado”. Os historiadores ocidentais repreendem os dois últimos tsares por não terem instituído uma democracia imediata. Talvez seja uma ilusão: essa cirurgia radical poderia simplesmente ter matado o paciente ainda mais cedo.

O destino da família Románov foi insuportavelmente cruel e costuma ser visto como inevitável, mas vale lembrar que tal era a força da monarquia em que Nicolau II reinou por 22 anos — com relativo êxito nos dez primeiros —, sobrevivendo a derrotas, tumultos revolucionários e três anos de guerra mundial. A Revolução de Fevereiro de 1917 destruiu a monarquia, mas a família real só foi condenada em outubro, quando caiu nas mãos dos bolcheviques, sete meses depois da abdicação. Mesmo então, Lênin contemplou diferentes cenários antes de presidir aquele crime atroz: a matança de pais e crianças inocentes. Nada na história é inevitável.

O massacre marca o fim da dinastia e da nossa narrativa, mas não o fim da história. A Rússia de hoje pulsa com as reverberações de sua história. Os ossos dos Románov ainda são tema de intensa controvérsia política e religiosa, enquanto seus interesses imperiais — da Ucrânia aos Balcãs, do Cáucaso à Crimeia, da Síria a Jerusalém e ao Extremo Oriente — continuam a definir a Rússia e o mundo como o conhecemos. Com manchas de sangue, baixelas de ouro e diamantes cravejados, lances de capa e espada, corpetes rasgados e perseguições do destino, a ascensão e a queda dos Románov continuam sendo tão fascinantes quanto relevantes, tão humanas quanto estratégicas, uma crônica de pais e filhos, de megalomaníacos, de monstros e santos.¹